

"Eu diria ou teria dito	}	que tens vindo,
		que vieste,
		que tinhas vindo,
		que virás,
		que terás vindo".

b) elles proprios, ex. :

"Eu diria ou teria dito	}	que virias,
		que terias vindo".

c) o imperfeito e o mais que perfeito do subjunctivo, ex. :

"Eu diria ou teria dito	}	que viesses,
		que tivesses vindo".

d) os dous tempos do infinito, ex. :

"Eu diria ou teria dito	}	vires tu,
		teres tu vindo".

10) A todos os tempos do subjunctivo correspondem: todos os tempos do indicativo, do condicional e do infinito, ex. :

"Quando eu diga	}	que vais,
		que ias,
"Si eu dissesse	}	que tens ido,
		que foste,
"Quanto eu te- nha dito	}	que tinhas ido,
		que irás,
"Quando eu ti- vesse dito	}	que terás ido,
		que irias,
"Quando eu dis- ser	}	que terias ido,
		ires,
"Quando eu ti- ver dito	}	teres ido".

11) Os tempos do subjunctivo correspondem-se entre si da maneira seguinte :

a) ao presente corresponde elle proprio, ex. :

“Quando mesmo eu diga que faças.

b) ao imperfeito e mais que perfeito correspondem elles proprios, ex. :

“Se eu dissesse que Pedro fosse.

ou tivesse dito que Paulo tivesse ido”.

12) Nas verdades positivas, provadas, a todos os tempos de todos os modos e fórmas nominaes corresponde o presente do indicativo, ex. :

•Tu dizes

Tu dizias

Tu tens dito

Tu disseste

Tu tinhas dito

Tu dirás,

Tu terás dito

Dize

Tu dirás

Tu dirias

Caso tu digas

Si tu dissesses

Quando tu tenhas dito

Si tu tivesses dito

Si tu disseres

Si tu tiveres dito

Dizeres tu

Teres tu dito

Dizer

Ter dito

Dizendo tu

Tendo tu dito

Dito

} que a materia é eterna”.

13) Aos dois tempos do infinito pessoal correspondem todos os tempos dos modos e fôrmas nominaes, quando elementos de clausulas substantivos, que porventura lhes sirvam do objecto.

526. Os participios, quando não empregados como adjunctos attributivos, nem como elementos de formação em tempos compostos, e em verbos frequentativos, não entram em relação com os tempos dos quatro modos e do infinito por isso que, como já ficou dito (514), formam clausulas absolutas, independentes.

§ 10.º

Ser e estar

527. A differenciação entre *ser* e *estar*, é uma das maiores difficuldades que encontram os estrangeiros na aprendizagem da lingua portugueza: preciso é, pois, discriminar bem estes dous verbos.

- 1) O verbo *ser* serve de auxiliar da voz passiva, em todas as phrases que podem passar para a voz activa, sem mudança de tempo, ex.: «*O cabo Tormentorio* FOI DESCOBERTO *por Bartholomeu Dias*», na voz activa "*Bartholomeu Dias* DESCOBRIU *o cabo Tormentorio*„.
- 2) O verbo *estar* parece tomar algumas vezes um sentido passivo; neste caso, porém, elle exprime antes um estado do sujeito, do que uma acção sobre elle recabida, ex.: «*A ordem* ESTAVA FIRMADA *pelo general*».

Passando-se esta phrase para a voz activa, sem mudar o tempo do verbo, prova-se o que acima fica dito, por quanto altera-se-lhe o sentido. Com

efeito «*O general FIRMAVA a ordem*» não é equivalente exacto da primeira phrase, em que se não dava a entender que «*o general ESTAVA FIRMANDO a ordem*» mas que «*já a TINHA firmado*».

- 3) Para ligar ao sujeito uma idéia que lhe é propria, que lhe é inherente, usa-se de *ser*, ex.: «*A materia e indestructivel—A agua do mar é salgada*».
- 4) Para ligar ao sujeito uma idéia que indica apenas estado, situação, posição, usa-se de *estar*, ex.: «*Estou triste—Estou em Roma—Estou deitado*».

Milita esta regra ainda mesmo quando se seguem outras palavras que apresentam o estado, a situação, a posição do sujeito como cousa habitual, permanente, ex.: «*Pedro tem estado doente toda sua vida—Estas montanhas estão sempre cobertas de neve*».

- 5) O verbo *ser* pôde ligar immediatamente ao sujeito um infinito, ex.: «*Vender com fraude, é furtar*».
- 6) O verbo *estar*, em virtude da sua significação intransitiva, por isso que indica sempre estado, situação, posição, liga immediatamente ao sujeito adjectivos e participios, mas não pôde sem auxilio de particula ligar-lhe um infinito. Assim não se pôde dizer «*Pedro está dormir*» mas sim dir-se-á «*Pedro está dormindo*» ou «*Pedro está a dormir*».
- 7) O verbo *ser* exprime

- a) a origem, a proveniência
- b) a propriedade
- c) a participação
- d) o destino

- ex.: «*Este vinho é de Xerez*».
- » «*A casa é de Paulo*».
- » «*Vasco é da armada*».
- » «*Este livro é para José*».

e) a dimensão	*	"A cidade é pequena".
f) a cor	*	"O lenço é azul".
g) a forma	*	"A mesa é redonda".
h) a materia	*	"O anel é de ouro".
i) as qualidades inherentes proprias	*	"A neve é fria".
j) as qualidades physiologicas	*	"Pedro é robusto".
k) o attributo expresso por substantivo ou infinito	*	"Paulo é intelligente".
	*	"Paulo é imperador".
	*	"Viver sem amar é vegetar".

8) O verbo *estar* exprime

a) o estado	ex.:	{	"Estou feliz".
			"Estou a ver navios".
			"Estou sem fazer nada".
b) a maneira de estar	*		"Estou sentado".
c) a existencia em um lugar	*		"A espingarda está na caixa".
d) a situação	*		"A casa está em um alto".

9) O mesmo predicado pôde exprimir uma qualidade propria da natureza do sujeito, e tambem pôde exprimir apenas um estado, uma situação, uma posição. Como já ficou dito, emprega-se no primeiro caso o verbo *ser*, no segundo o verbo *estar*. Facil é, pois, estabelecer a differença que existe entre (as seguintes phrases.

Pedro é alegre (por indole).

O chá é caro (é sempre artigo caro).

João foi feito eleitor (é possível que ainda esteja no desempenho do cargo).

Pedro está alegre (actualmente).

O chá está caro (actualmente).

João esteve feito eleitor (já não exerce mais as funcções do cargo).

10) Casos ha em que parece poder-se empregar igual-

mente o verbo *ser* e o verbo *estar*, ex.: «*Isso é claro—Isso está claro*». A razão é que a phrase pôde ser encarada tanto no sentido de um verbo, como no de outro; ou então porque são quasi imperceptiveis os matizes que nestes casos distinguem *ser* de *estar*. Com effeito, no primeiro exemplo diz-se que a cousa *é clara* por si propria; no segundo, que ella está *apresentada com clareza*. Qualquer delles serve perfeitamente para manifestar o pensamento.

- 11) O verbo *estar*, seguido de preposição *de* e de um substantivo de emprego ou de profissão, indica que o sujeito desempenha os encargos desse emprego, dessa profissão. Assim «*Paulo está de consul em Paris*» significa que Paulo está exercendo, em Paris, as funções de consul, o que pôde até acontecer sem que elle seja realmente consul.
- 12) O verbo *estar*, seguido da preposição *de* e de um substantivo qualquer, indica um estado actual que pôde durar ou não: «*Pedro está de cama—Antonio está de espingarda—Francisco está de lucto—Maria está de filho*».
- 13) Casos ha todavia de difficil fixação, em que a escolha de *ser* ou de *estar* parece ter sido determinada unicamente pelo uso. Para taes casos, o guia unico é a leitura de bons escriptos portuguezes. *Ser*
- 14) e *estar* podem ser empregados em sentido impessoal, ex.: «*E' que nós não queremos—Ora está que não vamos*».
- 15) Na lingua antiga, *ser* era frequentemente usado por *estar*, ex.: «*Já sois chegados. (CAMÕES)*». Alguns escriptores modernos seguem ainda este uso, mas sómente em estylo elevado, ex.: «*Eu era mudo e só na rocha de granito. (GUERRA JUNQUEIRO)*».

§ II

Verbos impessoaes

528. O verbo impessoal, verdadeiro verbo defectivo, porque só é usado na terceira pessoa do singular, encerra em si um como sujeito impessoal, que se não exprime.

Todavia, uma outra ideia impessoal, uma clausula substantivo, por exemplo, um pronome de sentido neutro, podem, neste caso, desempenhar, tambem as funcções de sujeito.

529. O verbo unipessoal ou entra em construcção só, de modo absoluto, ex.: «*Chove—Troveja*; ou toma um adjuncto adverbial appropriado, ex.: *Chove a cantaros—Troveja horrorosamente*».

530. São verdadeiramente impessoaes certos verbos que indicam a realisação de phenomenos astronomicos e metereo logicos, taes como *amanhecer, anoitecer, gear, nevar, relampejar, trovejar, ventar, chover*, etc.

Estes verbos são empregados figuradamente quer como transitivos quer como intransitivos. ex.: *A espada lusitana chove estragos—Chovem bombas sobre a cidade*».

531. Sem que sejam unipessoaes por sua natureza, muitos verbos são usados unipessoalmente. Taes são entre outros, *acontecer, bastar, convir, constar, correr, costumar, cumprir, dar, dever, doer, estar, fazer, haver, importar, occorrer, parecer, pesar, poder, poder ser*, (composto), *querer parecer*, (composto), *relevar, ser, soer, succeder*, etc.

A' excepção de *dar, fazer e haver*, estes verbos, quando usados unipessoalmente, têm quasi sempre por sujeito uma clausula substantivos ou um dos pronomes *isto, isso, aquillo*, etc., ex.: «*Convem ao general que os soldados observem a disciplina—Deve haver gente lá—Peza-me ter-te offendido—Estes homens parece estarem doentes—Da India é que nos vi-*

eram as tradições—Quer me parecer que estamos burlados—Ora está que não vamos—Isto convem—Sucedeu isso hoje—Aquillo não parece bem“.

Emprega-se tambem unipessoalmente qualquer verbo, na terceira pessoa do plural. ex.: *“Em Pariz dar-lhe-ão cabo da pelle—Mataram o Presidente“.*

532. O verbo *dar*, empregado na sentença *«Já deu dez horas»* e em outras identicas, conservando-se transitivo, assume o caracter de verdadeiro verbo impessoal, e não pôde ter sujeito claro.

533. O verbo *fazer*, empregado em sentenças como *«Faz annos que estou aqui—Faz mezes que nos vimos»*, conservando-se transitivo, assume o caracter de verdadeiro verbo impessoal, e não pôde ter sujeito claro (1).

Em Hespanhol e em Francez, ha construcções identicas, ex.: *Hace diez años—Il fait des éclairs“*, Gregorio de Tours escreveu em Latim (2). *“Gravem hyemem facit“*. Si é authentica a passagem, e sia verdadeira lição não é *“Gravis hyems fuit“*. como traz um unico manuscrito, este uso de verbo *facere* é antiquissimo.

534. O verbo *haver* em sentenças como *«Ha homens—Ha fructas—Ha leis»*, conservando-se transitivo, assume o caracter de verdadeiro verbo unipessoal, e não pôde ter sujeito claro [Vide (163, 4)].

Em Italiano, Hespanhol, Francez, e Provençal, encontram-se construcções identicas, ex.: *Ha quindici giorni—Diez años ha—Il a des femmes—Non a tan fin aman cum me“*. Ha a notar que em Francez moderno, a construcção reqner sempre o emprego do adverbio de logar *y*, e que em Italiano, Hespanhol, Provençal e Francez antigo, ora apparece ella com um adverbio de logar, ora não.

1) Grivet, *Obra citada*, pag. 158—161.

2) Ill. 37.

Em Portuguez antigo, empregava-se tambem o adverbio, ex.; *Não ha hi quem me soccorra?—Que geração tão dura, ha hi de gente?* (2). Hoje, não é mais usado tal adverbio:

As palavras requeridas pelo verbo *haver* nesta construcção representam o accusativo latino, e estão, conseguintemente, em relação objectiva. A prova disso são as seguintes passagens em que a flexão indica o caso original.

Provençal — «*Mans jocs y a* (3).

Francez velho—«*Aguait ad e traisun*» (4).

Portuguez — «*Mas ahí não os houve mais homens* (5).

—«*Bom vinho! Si o haverá tão maduro e tão ceceal em Salamanca*» (6).

E', pois, dislate a doutrina de Argote assim formulada por Vergeiro e Pertencé (7): «O verbo *haver*, empregado no sentido de existir «usa-se nas terceiras pessoas do singular, ainda que o sujeito seja da terceira pessoa do plural».

Tambem não passa de subtileza metaphysica, condemnada pelos factos linguisticos, a explicação que desenvolvidamente dá Sotero dos Reis (8): o verbo unipessoal *haver*, cuja significação é a mesma de «*existir*», empregase ordinariamente com o sujeito grammatical occulto—*classe, genero, especie, porção, quantidade, numero tempo, espaço, etc.*—e um complemento expresso desse sujeito, precedido da preposição *de* tambem occulta. Ex.:

«Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes

«Alguns traidores houve algumas vezes.»

(Camões)

1) *Chronica de Condestabre*, Lisboa 1526, cap. 58.

2) *Camões, Luziadas*, Can. II, Est. LXXXI.

3) *Choix des poésies originales de Troubadours*, Paris, 1816. Tomo III, pag. 211.

4) *Le Roux de Lancy, Les Quatre Livres des Rois*, Paris 1841, pag. 337.

5) *Bernardim Ribeiro, Obras Citadas*. pag. 19.

6) *Garrett, Arco de Sant'Anna*, Tomo 1, pag. 78.

7) *Obra Citada*, pag. 85.

8) *Postillas de Grammatica Geral*, 2.^a edição. Maranhão, MDCCCLVIII, pag. 58—59.

«A syntaxe regular, neste-caso é: Dizei-lhe que tambem numero de alguns traidores portuguezes, ou de entre os Portuguezes, houve algumas vezes»

Como a de Sotero, pecca ainda por methaphysica e falsa a doutrina de Moraes, exposta pelo sr. Dr. Freire da Silva, nos seguintes termos (1): «Muitos grammaticos chamam o verbo *haver* unipessoal, quando empregado, como nas phrases seguintes: *Ha homens extraordinarios—Havia iguarias—Si houver tempo, irei visital-o*». É elle, ao contrario, o mesmo verbo *haver* pessoal e transitivo, com a significação de *ter* ou *possuir*, derivado de *habere* que, em tal caso, é elegantemente usado no singular com o sujeito occulto, o qual facilmente se subentende pelo sentido, como se vê das mesmas phrases que em seguida se acham repetidas com os sujeitos claros: «*Ha homens extraordinarios*. isto é, «*O mundo ha ou tem homens extraordinarios—Havia iguarias* isto é, *a mesa havia ou tinha iguarias—Si houver tempo, irei visital-o*, isto é, *Si eu houver ou tiver, tempo, irei visital-o*».

A verdade é que em taes construcções o verbo *haver* conserva-se transitivo, e assume o character de verdadeiro verbo unipessoal: e que não necessita mais de sujeito claro do que *chove*, *troveja*, ou outro qualquer.

Os *caipiras*. fieis aos usos archaicos da lingua, como sóe sel-o a gente do povo; exprimem-se de modo analogo ao dos Francezes: põem claro um pronome que represente o sujeito neutro e impessoal dos verbos unipessoaes. Dizem: *Elle chove muito lá—Elle hai ainda algúas frutas—Elle corre por ahí que o rei vem vindo* (2).

Substituem tambem *ter* a *haver*, e dizem. *Tem muita gente na igreja—Agora tem muito peixe no tanque*„. Este uso vai-se tornando geral no Brazil, até mesmo entre as pessoas illustradas.

Empregam ainda *haver* como synonymo de existir, dizendo: *No tempo da revolução, eu ainda não havia—Quando eu me casei*

1) *Compendio de Grammatica Portugueza*, S. Paulo; 1879. pag. 150.

2) Parece ser tambem este o uso corrente em Portugal. Garret o põe na bocca da gente do povo que faz entrar em suas composições: *Tambem vós, Gertrudinhas! Elle era o que faltava* (*Arco de Sanct' Anna*, Tomo I, pag, 120)“. E só assim se explica a existencia de tal uso no falar da gente rude brazileira: é um legado dos colonisadores.

elle já havia» Só no imperfeito do indicativo, é que usam deste verbo com esta accepção.

535. O verbo *parecer* emprega-se impessoalmente em sentenças taes como. «*Estes homens PARECE estarem doentes*». Todavia tambem se pôde dizer «*Esses homens PARECEM estar doentes*».

536. O verbo *poder*, além da sua significação propria, tem tambem a de *ser possível* (1): neste caso assume o caracter de unipessoal, ex.: «*PÓDE haver muitas mortes, isto é, E' POSSIVEL haver muitas mortes*».

Os *caipiras* accentuam muito esta significação, dizendo: «*Póde que chova—Póde que elles venham*».

537. *Ser*, ao assumir caracter de verbo unipessoal, deixa de ser mero verbo de copula entre o sujeito e o predicado; toma a significação absoluta de existencia, que tambem tem esse em Latim, ex.: «*Da India E' que nos vieram as tradições—É. EXISTE, TEM REALIDADE*».

538. O verbo *estar*, ao assumir caracter de verbo unipessoal, comporta-se exactamente como *ser*, com a differença apenas de que incluye em sua significação um matiz da idéia de elevação, de posição erecta que tem o Latim *stare*; o Grego *staó*, *istémi* a raiz sankrita *STHA*; o Inglez *staud*; ex.: «*Ahi está o que eu previa, isto é, ahi existe erecto o facto que eu previa*».

§ 12

Concordancia do verbo com o sujeito

539. O verbo concorda com o sujeito em numero e pessoa, ex.: «*Eu sou estimado—Nós temos dinheiro—Elle é pobre—Ellas são ricas*».

1) *Roquette Dictionario Portuguez-Francez*, Pariz, 1855. Art. *Poder*,

Com os verbos que significam *sufficiencia, abastança, carencia, falta*, viola-se ás vezes esta regra, ex.: *falta muitos dias para os exames—Jose das Dornas é tambem uma bella personificação do nosso lavrador; basta os ditos que elle atira aos filhos e aos criados na occasião da esfolhada para inculcar a verdade daquella indole (1)».*

540. O verbo na voz passiva tambem concorda em genero com o sujeito.

541. Uma sentença, um membro ou uma clausula de sentença, uma phrase qualquer que sirva de sujeito, exige o verbo no singular, ex.: «*E' verdade QUE SOMOS RICOS —PÖDER E NÃO QUERER é preferivel a querer e não poder*».

542. Quando uma sentença tiver dous sujeitos, um da primeira pessôa e outro da segunda ou da terceira, irá o verbo para a primeira do plural, ex., «*Eu e tu ficaremos (eu e tu, isto é, nós)*».

543. Quando uma sentença tiver dous sujeitos, um da segunda pessôa do singular e outro da terceira, irá o verbo para a segunda do plural, ex.: «*Tu e ella passáis bem tu e ella, isto é' vós)*».

544. Quando na sentença concorrerem dous ou mais sujeitos, todos da terceira pessôa do singular, irá o verbo, ou para a terceira pessôa do plural a concordar com todos, ou para a terceira do singular a concordar com cada um de per si, ex.: «*A justiça e a providencia de Deus onde estão?*» ou «*Onde está a justiça e a providencia de Deus?*».

545. Quando o sujeito fôr um colectivo geral, seguido da preposição *de* e de um substantivo no plural, o verbo irá para o singular, concordando com o colectivo e não com o substantivo do plural, ex.: «*O exercito dos aliados ficou inteiramente derrotado*».

1) José Maria^{de} Andrade Ferreira, *Critica*, ás «Pupillas do snr. Reitor, *Gazeta Litteraria*, Porto, 1868, pag. 92.

546. Quando o sujeito é um colectivo geral, só ou seguido da preposição *de* e de um substantivo no singular, o adjectivo e o verbo ficarão no singular, concordando com o colectivo ou irão para o plural, concordando com um substantivo que represente todos os individuos comprehendidos na collecção, ex.: «*Ditosa gente que não é maltratada ou que não são maltratadas de ciumes*».

547. Quando o sujeito é um colectivo partitivo, seguido da preposição *de* e um substantivo no plural claro ou occulto, o adjectivo e o verbo devem empregar-se no plural, ex.: «*A maior parte dos homees são analphabetos*».

Mais depois de *um* leva o verbo ao singular ou ao plural. ex.: **mais de um é rico** ou **são ricos**.

Mais depois de qualquer numeral plural leva sempre o verbo ao plural, ex.: «**mais de dous são ricos—mais de mil estão em armas**».

548. Quando dois ou mais sujeitos estão separados pelas conjuncções *e*, *nem*, *ou*, pôde-se empregar o verbo no singular, concordando com cada um, ou no plural concordando com totos ex.: «*Ao adejar a victoria sobre um dos campos TERÁ DESCIDO, sobre o outro O SILENCIO E O REPOUSO do anniquilamento ou TERÃO DESCIDO, etc.—NEM A PESCA NEM A CAÇA O DIVERTE ou DIVERTEM—OU A CAÇA OU A PESCA O DIVERTE ou O DIVERTEM*».

549. Dando-se, porém, a alternativa, isto é, não podendo o facto expresso pelo verbo caber sinão a um só, irá o verbo para o singular, ex.: «*Ou o pae ou o filho será eleito presidente*».

550. Representando as palavras componentes do sujeito differentes pessoas, o verbo irá para o plural, e concordará em pessoa com a que tiver prioridade, ex.: «*Desta vez ou eu ou tu seremos presidente da camara*».

551. Quando na sentença ha dous ou mais sujeitos, e o primeiro está ligado aos outras pela preposição *com*,

póde empregar-se o verbo no singular ou no plural ex.: «*O general com todos os seus soldados padecia ou padeciam grande fome*». Mas si o verbo precede o primeiro sujeito do singular, deve empregar-se no singular, ex.: «*Padecia o general com todos os seus grande fome*».

552. Quando o sujeito é *um e outro* ou *nem um nem outro*, póde empregar-se o verbo no singular ou no plural, ex.: «*Um e outro é meu irmão, ou um outro são meus irmãos. Nem um nem outro é meu irmão, ou nem um nem outro são meus irmãos*».

553. *Tudo e nada*, postos depois de muitos sujeitos continuados levam commumente o verbo ao singular, ex.: «*O ouro, as perolas e os diamantes, tudo é terra—Jogos espectaculos, nada o tirava do seu retiro*».

554. *Isso e tudo*, tendo depois de si como predicados substantivos do plural, levam o verbo ao plural, ex.: «*Tudo são sonhos de Scipião, enredos de Palmeirim, gigantes de palha—Isso são boatos sem fundamento*».

555. O pronome conjunctivo *que*, quando tem por antecedente um pronome pessoal, é sempre da mesma pessoa desse pronome, ex.: «*Sou eu que tenho—E's tu que tens—E' elle que tem—Somos nós que temos, etc.*» Mas quando em vez de *que*, se empregar *quem*, como esta palavra equivale neste caso a *homem que, mulher que, homens que, mulheres que*, deve-se empregar o verbo na terceira pessoa, ex.: «*Sou eu quem tem—Es tu quem tem—Somos nós quem tem, etc.*».

Assim, pode-se indifferentemente dizer: *Fui eu quem comprei* ou *quem comprou este livro*: ou com Inversão: «*Quem comprou este livro fui eu*».

556. Quando o predicado do verbo *ser*, é um substantivo acompanhado de *que*, o verbo seguinte póde concordar em pessoa com o sujeito desse verbo *ser*, ou com o

predicado, devendo-se com tudo preferir a concordancia com o sujeito, ex.: «*Eu sou um homem que ainda não vendi, ou, que ainda não vendeu a consciencia—Eu sou uma dona que venho ou que vem aqui*».

Ha exemplos frequentes de ir sempre *ser* para a terceira pessoa do singular, dando-se a concordancia com o outro verbo: «*Eu é que fallo—Tu é que fallas—Nós é que fallamos—Vós é que fallais—Elles é que fallam*».

VI

NEGAÇÕES

557. São palavras negativas *não, nem, nada, nenhum, ninguém, nunca*; e tambem conforme a phrase *algum; jamais*.

558. *Não* é a palavra de negação perfeita ex.: «*NÃO posso—NÃO dou—NÃO*».

Em algumas provincias do Brazil, como Bahia, Minas *não* duplica-se, ex.: *NÃO posso, não. NÃO dou, não*.

Nas sentenças exclamativas, *não* emprega-se como particula intensiva para reforçar á expressão, ex.: «*Quantos a estas horas não estão mortos!*

*Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor!*».

559. *Nem* por vezes tem sentido affirmativo, equivalendo a *e* ex.: «*Por ventura a necessidade será lá tamanha, NEM a esmola tão bem empregada?* Phrases ha em que *nem* equivale a *nem mesmo*, ex.: «*O pão nem de graça me serve*».

Nem que significa por vezes *como si*; ex.: «*Gasta NEM QUE fôra rico*».

Nem que equivale tambem a *ainda mesmo que*, quando mesmo, ex.: «*Nem que elle me peça de joelhos*».

Que *nem* equivale a *como*, ex.: «*Bebe QUE NEM uma esponja*».

Nem, emprega-se.

- 1) apoiando-se em uma clausula, em que já exista *não*, ex.: «*NÃO como NEM quero ver comer*».
- 2) reforçada pela repetição, ex.: «*NEM tenho, NEM quero TER TAL coisa em casa*».
- 3) só: mas isto raras vezes e com sentido dubitativo, ex.: «*Deixei-o, NEM sei si morto*».
- 4) reforçada por *não* na mesma clausula, mas só em estylo familiar, ex.: «*NÃO tenho NEM um vintem que possa dar a este homem*».
- 5) reforçada por *sem*, ex.:

«*E vão a seu praser fazer aguadas.*

«*SEM achar resistencia, nem defesa*».

CAMÕES (1)

560, *Nada, nenhum, ninguém nunca* empregam-se

- 1) sós na clausula, si procedem o verbo, ex.: «*NADA tenho—NENHUM veio—NINGUEM vemos—NUNCA estudamos*».
- 2) reforçados por *não*, si estão depois do verbo, ex.: «*NÃO tenho NADA—NÃO veio NENHUM—NÃO vemos NINGUEM—NAO estudamos NUNCA*».
- 3) reforçados por *nem*, em estylo familiar, ex.: «*NÃO vi festas NEM nada—NEM NENHUM tenho—NEM NINGUEM veio—NEM NUNCA estudamos*».

1) *Lusiadas*, Cant. 1, Est. XCIII.

E' este o uso actual da lingua: os classicos reforçavam com a negativa *não a nada, nenhum, ninguém, nunca*, estivessem muito embóra antes do verbo, ex.: *Para que ninguém não saiba*. Empregavam ás vezes como reforço, sinão como pleonasma, uma triplice negação, ex.: *Eu não vou nunca á casa de ninguém (1)*. Os caipiras dizem *Não deixa de não fazer mal—Não deixa de não atrapalhar* «em vez de *Não deixa de fazer mal—Não deixa de atrapalhar*». O preceito da grammatica latina—*duas negativas equivalem a una affirmativa*—preceito aliás falso em muitas construcções latinas, não passou para as linguas romanicas.

561. *Jamais* emprega-se em lugar de *nunca*, ex.: *«Eu JAMAIS poderei ser rico»*. E' tambem reforçado pela negativa principal *não*, no mesmo caso em que o é *nunca*, ex.: *«NÃO descançou JAMAIS»*. Encontram-se exemplos classicos de *nunca jamais*, ex.: *«Os maiores apparatus de guerra que NUNCA JAMAIS se viram (2)»*.

562. *Algum* emprega-se ás vezes no fim da phrase em lugar de *nenhum*, ex.: *«Eu por maneira ALGUMA consentirei»*.

Todavia, ha exemplos de *a um* posposto com o seu sentido proprio de affirmação ex.:

«D'esta gente refresco algum tomamos».

Camões (3)

«Ethiopes são todos, parece

Que com gente melhor communicavam ;

Palavra alguma arabia se conhece

Entre a linguagem sua que fallavam (4)»

563. Em estylo faceto, empregam-se como intensivas da negação as palavras *boia, cominho, fava, figo, gota,*

1) *Diez*, *Obra citada*, vol. III, pag. 390.

2) *Moraes*, *Diccionario*, edição citada, Art. *Jamais*.

3) *Camões*, Cant. V, Est. LXIX.

4) *Idem*, Cant. V, Est. LXXVI.

mique, nada, pataca, patavina, pitada, rasto, sombra, chique, etc., ex., «*Não entende patavina—Não sabe pitada—Não vi rasto—Não ha nem sombra—Nem chique, nem mique, nem nada* (1)».

O uso de palavras intensivas para negar com vehemencia, era muito frequente no Latim: *circum, granum, micam, passum, punctum, unguem* e muitas outras eram a cada passo empregadas pelos melhores escriptores, como reforço da negação, *Passum* e *punctum* introduziram-se no Francez e, sob as fórmulas *pas* e *point*, fazem hoje parte do fundo da lingua, ex.: «*Je ne veux pas—Je ne vais point*». Em Gil Vicente lê-se,

«*Triste pranto até Belem,*

«*Nem passo não se esquecia* (2)».

Mica, miga encontra-se no Italiano, ex.: «*Ni mica trovo il mio ardente disio—Se sa miga*». Gil Vicente usou em Portuguez do derivado *migalha*: «*Não me presta ne migalha* (3)». A antiga palavra *rem* foi tambem muito usada como intensiva, ex.: «*Não valeu rem* (4)». As palavras latinas *nil, nihil, nihilum* e as innumeradas que dellas se derivam, devem o ser ao uso das intensivas; com effeito. *nil, nihil nihilum* equivalem a *ne hilum* (5)».

VII

PREPOSIÇÃO

§ 1.º

A

564. A preposição *a* do Latim *ad* que exprime essencialmente o movimento para um ponto determinado) indica.

1) Gil Vicente, *Obras*, edição citada, vol. I, pag. 127:

2) *Ibidem*, vol. III, pag. 350.

3) *Ibidem*, vol. II, pag. 501.

4) *Nobiliario do Conde D. Pedro*, Roma, pag. 288

5) «*Hilum*» significa «olho preto da fava».

- 1) a direcção, ex.: *“Estar a oeste — Jazer a léste — Ir a Lisboa — Vir a Madrid”*
- 2) contiguidade, ex.: *“Estar a janella — Estar a porta — Estar a beira do rio”*
- 3) A exposição, ex.: *“Viver ao sol — Estar a chuva”*.
- 4) o tempo em que, ex.: *«A 4 de Janeiro — A oito dias precisos — A 1 hora, ás 5»*.
- 5) a tendencia, ex.: *«Incitar a ira — Guiar a loucura»*.
- 6) a hora, ex.: *«A's tres horas — A uma hora e cinco minutos»*.
- 7) o modo ex.: *«Vender a retalhos — Comprar a pedaços — Andar á moda — Vestir á Luiz XV — Matar a sopapos — Ferir a lançadas — Beber a sorvos — Chorar a potes»*.
- 8) a distancia, ex.: *«A tres leguas — A doze milhas — A dezoito kilometros — A trinta passos — A cinquenta braças»*.
- 9) o instrumento, ex.: *«Bater-se a espada — Matar a pistola — Carregar a bala — Passaro morto a chumbo — Pintar a pincel»*.
- 10) a materia ex.: *«Bordar a ouro — Pintar a oleo»*.
- 11) o fim, ex.: *«Antonio vai a capitão — Pedro a bispo»*
- 12) realisação em futuro muito proximo, ex.: *«Antonio está a chegar — A fructa está a cair»*,
- 13) o preço distributivo, ex.: *«Vendo carneiros a dez mil réis — Compro vacas a quinze moedas — Dou os figos a vintem»*.
- 14) a taxa de juros, ex.: *«Dinheiro a dez por cento — Tomei um conto de réis a cinco por cento»*.

565. A preposição *a* serve (Vide 486) para pôr em relação adverbial o objecto de um verbo, a fim de evitar ambiguidade, ex.: *«Milão matou a Clodio»*.

566. Unida aos artigos *o, os*, a preposição *a* incorpora-se e fórma com elles uma palavra só—*ao, aos*.

567. Unida a *a, as, aquelles*, etc., *aquillo*, a preposição *a* desaparece, e um accento agudo indica essa desapareição, ex.: *á—ás—áquelle*, etc., *áquillo*.

568. A preposição *a* liga-se por vezes ao nome que rege, de modo que fórma com elle um todo susceptível de ser regido por outra preposição, ex.: «*Vou de a pé—Andamos de a cavallo*».

Estas locuções, usadíssimas entre nós pelos *caipiras*, constituem um romanicismo extreme, que tambem se encontra no Hespanhol, ex.: «*Mozos de hasta veinte años—Rimas de a seis versos*». A construcção franceza do chamado artigo partitivo *du, de la, des*, outra cousa não é, sinão o mesmo romanicismo, ex.: «*Avec du sucre—Sans de la farine*».

§ 2.º

Ante

569. A preposição *ante* (do Latim *ante*), bem como a sua composta *perante*, indica confronto, comparecimento, ex.: «*Ante mim estás tu—Perante o principe*».

§ 3.º

Após, pós

570. As preposições *após, pós*, (do Latim *post*) indicam posposição, seguimento, ex.: «*Após o exercito—Pós elles*». *Pós* é hoje pouco usada.

§ 4.º

Até, té

571. As preposições *até, té*, (do Latim *hactenus*) indicam o termo local ou temporal preciso, exacto, ex.: *Até*